

Ao Mundo Inverossímil

By Márcio B. S.



Dedico este livro a todas as pessoas, seres e coisas que me são queridos. Em especial, à minha noiva Rose.

A Concepção

Este livro contém poesias escritas em vários momentos da minha vida, mas que foram publicadas no período de 2007 a 2009 no blog Sonolóquios (sonoloquios.blogspot.com). Apesar de cronologicamente ser este o meu terceiro livro, foi o primeiro a ser completamente escrito e finalizado. Ele retrata uma fase em que elementos do passado foram emergindo e sendo re-significados, ao mesmo tempo em que novos materiais eram produzidos. É uma seleção de escritos considerados, por mim mesmo, como os mais interessantes e adequados dentre poesias antigas e novas, dessa forma deve garantir agradáveis momentos de leitura reflexiva.

O Ciclo Incessante do Imaginário
A Essência Humana
A Semente
A Eternidade Efêmera
A Inspiração do Suspirar
Ser Livre
Velcro
Soneto ao Sol
A Virgem
Insônia
A Ruptura da Inércia
Fazer Amor ou Sexo?
Insensibilidade Cinestésica
Cupins
Segundos
Fascínio
Poesia Enigmática
Poesia Oculta
O Reflexo do Reflexo do Espelho
O Perfume Inodoro das Flores
A Degeneração da Matéria
Círculo Vicioso
Rótulo
O Dia “D”
Sinfonia
O Despertar da Máquina
A Dama do Vestido de Seda
2/3 de 1000 (arredondado pra baixo)
O Velho Tempo Cínico
Soneto Final
Furta-cor
Eu, Computador
In the Dark
Rose, a destemida
Sobre o Dorso da Serpente de Pedra
Guardiões dos Meus Sonhos
Rose Sempre
... e o Silêncio reina!
Silent Reign
Boa Noite ao Mundo Inverossímil!

O Ciclo Incessante do Imaginário

Que sonhos sublimes sonha o sonhador!
Cuja fonte de idéias se mantém ativa
À espera de seu gêmeo, o concretizador
Do qual, como o sonho, é apenas sombra viva

E o sonhar não espera, abre as asas para a vida
Como o falcão ascendente, uma ave de rapina
Como todo predador, tem seu dia de derrota
Ergue vôo num instante e no outro já está morta

O concretizador conseguiu
E o sonhador consentiu
O sonhar morreu
E noutra instante renasceu
Com uma forma diferente
Mas ainda sim resplandecente
Seu velho corpo sem finalidade
De idéia virou realidade

Que linda arte fez o concretizador!
Escultura perfeita feita de matéria morta
À espera de alguém que a ela dê valor
Cuja mente absorva a beleza de tal obra

E a idéia inquieta quer fazer logo seu ninho
À espera de um abrigo, canta como passarinho
Produzindo um som agudo, alguém ouve seu chamado
Então um novo sonhador o adota de bom grado

O sonhador o devora
E logo um novo sonho brota
Não é pensamento seu
Mas foi quem desenvolveu
Não pensando só em si
Deixa seu sonho fluir
Com um novo colorido
Refaz agora todo o ciclo

Que sonhos sublimes sonha o sonhador!

A Essência Humana

O sangue de onde brota a arte
Que jorra sonhos e sentimentos
Aplaca a insaciável sede
A sede de auto-conhecimento

Sangue magnífico este
Coagula formando esplendor
Este é o sangue artístico
Que mostra a beleza e a dor

Quem beber dessa essência humana
Terá a alma reabastecida
Pois a arte atravessa os séculos
E no tempo é jamais esquecida

A Semente

A amizade é uma frágil semente
Que plantamos sem perceber
Se o terreno for bom ela brota
Se não for, ela há de perecer

Se regada com amor verdadeiro
Uma árvore enorme surgirá
Mas se for tratada de qualquer jeito
Nem mesmo uma flor nascerá

Com a árvore agora crescida
Você terá alimento e abrigo
Se a tristeza ou a angústia o ferir
Pra ajudar terá sempre um amigo

A Eternidade Efêmera

Linda Donzela,
Encontrar-te-ei no teu castelo
E contemplaremos o belo crepúsculo
Então amar-te-ei por toda a eternidade

Mas até mesmo a eternidade é efêmera
Até mesmo o mais longínquo dos infinitos
Chega a um fim

Mas não te entristeças!
Pois és como o crepúsculo
Que é belo por ser efêmero
Pois se assim não o fosse
Todos o ignorariam

A Inspiração do Suspirar

Minha doce donzela
Linda como pedra preciosa
Que inspira o mais inábil dos poetas
A criar poesias ao ver-te passar

Quisera eu, um dia, ser o vento
Mesmo estando sempre a vagar
Mas só por poder te acariciar
Passaria pela dor de qualquer tormento

Mas que chances então eu teria
Se uma vida de tristezas aguardava
E quão pouca esperança me restava
Quando via-te distante a cada dia

Preferi então deixar-te em boa hora
E partir atrás de outra inspiração
Pois foi melhor admitir uma derrota
Que viver nessa eterna obsessão

Ser Livre

O ideal de todo homem é ser livre
Assim como o dos pássaros é voar
Um dia voei bem alto
Mas tive medo de me esborrachar
Tremendo voltei ao chão
E desde então sofri
Pois foi então que entendi
Após me por em reflexão

Eu tinha asas
Eu tinha o vento e a vontade de viver
Mas era a falta de coragem
Que me fazia perder

Eu tinha tudo
E ao mesmo tempo não tinha nada
Só um par de coisas sem uso
E pela frente uma longa estrada

Velcro

Olhos que fitam
Misteriosos e enigmáticos
Ocultando um desejo proibido
Um desejo de certa forma trágico

Apenas outro olhar feminino
Poderia perceber algo tão furtivo
Mas o que pensara lhe haver denunciado
Encaminhou aquela cena para um novo ato

Seria aquilo insanidade?
Ou teria mesmo o velcro uma nova utilidade?
Como poderia ser uma louca perversão
Um ato assim de tamanha naturalidade?

Questionando o tempo todo
Sobre os valores da humanidade
Quebravam então todas as regras
Em nome de sua felicidade

Mas apesar de tudo isso
Havia um toque de inocência
Pois em todo o seu compromisso
Perseguiam sua essência

Essência essa tão bela
Quanto uma flor exótica
Abriu-se toda para o mundo
De uma forma um tanto erótica

Eram as duas tão iguais
E ao mesmo tempo diferentes
Bem distintas das demais
Pois viviam intensamente

E em suas vidas loucas
Viviam melhor que qualquer um
Poderia alguém recriminá-las
Por não serem tão comuns?

Soneto ao Sol

Símbolo máximo da perfeição
Fonte de toda a vida na terra
Vivendo como um antigo asteca
Por ele tenho muita devoção

Com a luz que me traz inspiração
E a onda de calor que me acerta
Sinto-me feliz e mais alerta
Em uma tarde quente de verão

Um rei que se morrer não morre só
Merece toda a admiração
Daqueles que existem ao seu redor

Um grande e pulsante coração
Que pode destruir tudo sem dó
Ou dar ao mundo sua proteção

A virgem

Longos cabelos claros
E belos olhos castanhos
Um corpo de mulher
E um rosto de anjo
À distância ela flutua
Oculta pelas brumas
Mal posso ver seu contorno
Nas águas de um lago morno
Mas essa imagem não é realidade
Por trás da garota há um mar de mentiras
O diabo se esconde naquele disfarce
Mas assim mesmo a imagem é bem vinda
O que minha mente repudia
O meu coração reverência
Odeio amá-la, odeio!
E amaria odiá-la
Mas não posso corromper meu sentimento
Apenas posso ignorá-la
E viver nesse longo sofrimento
Amando sem querer amá-la

Insônia

Que sentimento é esse que me faz perder o sono?
Que me faz toda noite me revirar em minha cama?
Porque meu coração bate angustiadamente apressado?
Só pode ser apenas uma a razão da minha insônia

Estou tenso, não consigo dormir!
Mas ainda assim estou sonhando
Sonhando com ela, sonhando acordado
Mas se adormeço ela não está ao meu lado

Talvez por isso seja tão difícil dormir
Mas é ainda mais difícil amar
Todo esse medo da frustração
Me faz ficar ainda mais tempo a pensar

Sua imagem em minha mente
Seu rosto, seu sorriso, seus atos
De tudo que ela já fez lembro detalhadamente
Embora possa mesmo esquecer meu próprio nome

Sinto-me completamente perdido
Estou totalmente atordoado
E sei que ela é a razão de tudo isso
O motivo de eu estar agora acordado

A Ruptura da Inércia

Sou tomado por impulsos
É guiado por instintos
É o legado dos extintos
Que corre pelos meus pulsos

Sinto as mãos do absurdo
Me empurrando por caminhos
Num não pensar primitivo
Eu me vejo como um surdo

Pois por vezes não escuto
A razão aos meus ouvidos
Sinto às vezes o destino
A manipular meu curso

Utilizo como escudo
Um estado alternativo
Que me deixa pouco ativo
E me desliga do mundo

Um conselho pouco astuto
Por mim mesmo proferido
Pois cair nesse abismo
É um perigo obscuro

Mas é nesse estado mudo,
Estático e indefinido
Que me curo dos meus vícios
E morro por um segundo

Celebro meu próprio luto
Revivendo meus conflitos
Totalmente absorvido
Perco horas no escuro

Mas sem estar muito seguro
Num impulso criativo
Me apego ao dinamismo
E volto pro mundo confuso

Um verdadeiro absurdo!

Fazer Amor ou Sexo?

Se o instante sereno
Estivesse intimamente ligado ao orgasmo pleno
Ah, então eu não teria dúvidas!

Insensibilidade Cinestésica

Não sinto meu corpo
Não sinto suas partes
Talvez esteja morto
Ou apenas aparte

Como posso me localizar?
Como posso me sentir?
Perdi todo o meu equilíbrio
Tenho medo de cair

Do mundo represento o vazio
Vago entre mortos, vago entre vivos
Sempre caminhando como um longo rio

Mas se sou rio
Onde está a nascente?
Onde nascem os problemas
No corpo ou na mente?

E eu tenho corpo?
E eu tenho mente?
E eu tenho vida?
Me sinto dormente

Sou cria do mundo
E dele não faço parte
Só me resta escrever
E espalhar minha arte

Cupins

Por trás das paredes trincadas
Do muro da falsidade
Escorre por uma fresta
O líquido da verdade

Oculto por nossos pais
Por uma constante faxina
Não vemos nada de mais
A casa é mantida limpa

Mas por causa de um mero descuido
Nota-se por um instante
O cheiro do imperfeito
Um odor forte e nauseante

Não podendo mais ser contido
O enorme vazamento
Inunda a sala de estar
Causando aborrecimento

E num imenso mal-estar
Descobrimos a verdade
Desfazem-se as ilusões
Ficando a realidade

Todo esse sofrimento
Nos causa um terrível trauma
E uma dor interminável
Que nos angustia a alma

Num esforço para contê-lo
Criamos nosso mundo interno
Baseado no antigo modelo
Contraposto a esse novo inferno

Compulsivos juntamos tijolos
As sobras do muro ilusório
Reerguemos a parede rachada
Que agora serve-nos de fachada

Escondendo-nos de nós mesmos
Aprendemos a usar disfarces
Pois tememos nos ver no espelho
E encarar nossas próprias faces

Então pintamos nossa fachada
Com cores claras e escuras
Ou criamos nossa própria cor
E lhe adicionamos textura

Mas apesar da possível beleza
Aparente da grande mentira
Nada apaga a infinita tristeza
Da infeliz natureza escondida

Segundos

Onde está a âncora do tempo
Que me arrasta sem se deter?
Porque vivo a dor e o sofrimento
De um futuro que não posso prever?

Na história desse antigo mundo
Dissolvo-me nas infinitas horas
Numa vida de poucos segundos
Reduzidos em minha memória

Um futuro que chega veloz
Não o vejo, mas ouço sua voz
No qual cada momento é importante
Vivo num dinamismo cego e alucinante

Terei eu um destino irrevogável?
Um futuro negro ou agradável?
Então que seja ao menos interessante!

Fascínio

A morte me chama
Conhece o meu nome
A morte me ronda
Me olha de longe

A morte me atrai
Sigo seus passos
Meu sangue se esvai
Continuo no encalço

Seguindo suas trilhas
Percorro o caminho
Ouvindo o chamado
Na noite me guio

Mas quando a vejo
E seu rosto encaro
Perco logo a coragem
Fugindo assustado

Então choro em seguida
Cicatrizo a ferida
E agradeço pela vida

Poesia Enigmática

- 1) Se for "tolo" sem ele, mais dê
- 2) Um pedaço de "universo"
- 3) Que entre as montanhas se vê
- 4) Finaliza o frio e o inverno

- 5) Sem ele não se faria a escalada
- 6) Aquele que não mudou e não é outro
- 7) Que abrevia a massa atômica unitária
- 8) Que se fez com quatro números desta enigmática

- 9) Contrária a pessoa sã
- 10) Será "depois", só o fim, não dê
- 11) O presente do que será amanhã
- 12) "Anos", mas a esquecer

- 13) O resultado de dois a esse se soma
- 14) É "amada", mas agora menos ama
- 15) O poeta sempre a ela se dedica
- 16) Ensurdecido com esta pergunta fica

- 17) "Senão" sem o final fica
- 18) O que no escuro se faz com a fotografia
- 19) Num acordo o diabo a compra
- 20) E o que resta agora é somente "humana"

Obs.: Há uma poesia oculta dentro da poesia enigmática que pode ser decifrada. Cada n° corresponde a uma palavra da poesia oculta (exceto o n° 19 que corresponde a duas palavras) devendo ser decifrado como enigmas independentes que ao serem unidos formam a resposta do enigma todo.

Poesia Oculta

____ (1) ____ (2) ____ (3) ____ (4) ____ (5)
____ (6) ____ (7) ____ (8) ____ (9)
____ (10) ____ (11) ____ (12) ____ (13) ____ (14) ____ (15)
____ (16) ____ (17) ____ (18) ____ (19) ____ (20)

O Reflexo do Reflexo do Espelho

Escrever sobre o escrever
Falar sobre o falar
Pensar sobre o pensar
Olhar um outro olhar
Ações reflexas que refletem o refletir
Ao se viver a vida com vigor
Fazem sentir o próprio sentir
Espantando da nossa mente a dor
De um dia ter visto partir
Um sonho que outrora se frustrou
Sonho acordado em que se dormiu pra sonhar
O despertador despertando numa manhã de domingo
Resume toda essa filosofia do filosofar

O Perfume Inodoro das Flores

O perfume tem cheiro de álcool
A menta tem cheiro de ar gelado
A comida tem cheiro de água
As flores têm cheiro de vidro
A gasolina cheira a mal-estar
O sabão tem cheiro de espirro
O cigarro tem cheiro de nada
O enxofre tem um cheiro pirado
E o álcool tem cheiro de álcool

Que influências têm os odores pra você?
Como algo que não se sente pode fazer falta?
O mundo é cheio de insensibilidades
De sensações que não percorrem a alma

Não vejo o infravermelho
Não ouço frequências a mais
E quase não sinto cheiros
Mas que diferença isso faz?

A Degeneração da Matéria

O tempo... se esvai como o vento
Acabando com o intento
Vai a tudo corroendo
Um bolor, uma ferrugem,
Teias de aranha surgem
Ficam apenas os conceitos
Objetos sem defeitos

Círculo Vicioso

A alegria gera ansiedade
A ansiedade gera irritação
A irritação gera tristeza
E a tristeza vira depressão
A depressão desencadeia raiva
E a raiva origina arrependimento
Do arrependimento surge a coragem
E da coragem há um novo nascimento
O nascimento de uma nova alegria
Que ameniza o eterno sofrimento

Rótulo

Perturbado, louco, anestesiado, doente
Nenhuma definição lhe parece suficiente
Sonolento, louco, neurótico, suicida
Talvez todos juntos enquadrem sua vida

O mundo segue o estereotipo padrão
Mas você não se enquadra em nenhuma definição
Por isso é maníaco, retardado e demente
Mas você não é louco, só é diferente!

O Dia “D”

Desinteressante
 Desnecessário
 Deprimente
 Depressivo
Desordenado
Descrente
 Disforme
 Descoordenado
 Deficiente
 Dissonante
 Degenerado
Doente
 Distante
 Desprezado
 Dissidente
 Defeituoso
Desajustado
Demente
 Debilóide
 Depravado
 Delinqüente
 Dopado
 Depreciado
Decadente
 Drogado
 Desequilibrado
 Dormente
 Dividido
 E desorientado
Num dia diferente

Sinfonia

A fibra que recobre o vidro
Vibra na frequência do infinito
Ressoa numa frenética dança...

A porta permanece torta
Feita de insólita madeira morta
Rangendo sem esperança...

O tiro que estoura o tímpano
Tece trilhas sem destino
Ríspido como uma lança...

A gota que molhava a roupa
Espirra para longe e voa
Vai aonde ninguém alcança...

A fibra, a porta, o tiro, a gota
Notas únicas numa sinfonia louca
Tocadas por uma infeliz criança

O Despertar da Máquina

Trabalha, trabalha o homem-máquina
Num movimento ritmado e incessante
Sem descanso em uma rotina inalterada
Produzindo cem mil peças num instante

Escravidado por uma visão mecanicista
Tornado igual ao mundo: frio e insensível
Produz com uma fôrma, não de forma criativa
Consumindo todo o estoque de matéria primitiva

Seguindo um fluxograma de auto-programação
Aperfeiçoava-se o sistema com constante manutenção
Houve então uma corrosão pela alta eficiência
Ocasionalmente no homem-máquina um estalo de
consciência

E o despertar seguiu-se bruscamente
Daquela realidade ele se tornou ciente
Vislumbrando seus iguais foi inútil acordá-los
Pois naquela realidade permaneciam mergulhados

Então vagou pelo mundo à procura de um sentido
Encontrou desolação, mas também um bom amigo
O engenheiro a seu pedido acabou com o sofrimento
O pôs de volta em seu sono trabalhando sem tormento

E voltou à sua rotina inalterada de homem-máquina
Produzindo, sem descanso, cem mil peças num instante
Trabalhando, trabalhando num movimento ritmado
Só que agora reciclando todo o lixo incessante

A Dama do Vestido de Seda

A alegre garota avoadada
Envolta na nuvem nociva
Flutua chegando atrasada
Trazendo um ar de euforia

Amiga íntima das plantas
E de tudo que é inanimado
Sorri seu sorriso metálico
Dançando na poeira branca

Perdida em suas memórias
Enquanto mistura seu chá
Sua mente embebida dá voltas
E volta pro mesmo lugar

Mas o seu olhar distante
Me transmite um significado
Trazendo à tona a lembrança
Do meu futuro passado

Em fina seda se veste
No seu mundo baseado
Num ébrio romance silvestre
No qual fico mudo e calado

Pois se as palavras ressoam vazias
Ao som da dança hipnótica
Poderia alguém fazer algo
Como ter uma atitude heróica?

Pois esse não é um mundo de heróis
E sim de uma vil heroína
No qual se desfia a morte
Em detrimento da vida

Mas tenho esperanças ainda
De vê-la despir seu vestido
E vestir-se de coragem
Para enfrentar seu destino

2/3 de 1000 (arredondado pra baixo)

A maldade adquirida
Como um mal contagioso
Infecta a ferida
Do homem ambicioso
Com a alma corrompida
O ser vil e orgulhoso
Não enxerga meios ruins
Para atingir seus fins
Com sua mente calculista
E uma frieza de sentimentos
É um talentoso artista
Na arte do fingimento
Mas esse hábil vigarista
Manipulador e egocêntrico
Não pode ver senão o fim
Por seus meios de índole ruim

O Velho Tempo Cínico

Os dias se repetem
As horas se acumulam
Os segundos passam rápido
E as coisas não mudam

Quatro semanas voam
Mas um mês demora a passar
As estações sempre mudam
Mas numa eternidade parecem ficar

O tempo que se espera
É mais longo que uma era
O tempo que se ama
É curto e deixa lembrança

Um instante crítico
Dura muitas e muitas horas
Pois é o velho tempo cínico
Que sempre o elabora

Demoramos pra morrer
Até o dia ocorrer
Daí a vida passa num segundo
Então parece tão pequeno o mundo

O sol nasce e morre todo dia
Os dias se repetem
As horas se acumulam
Os segundos se sucedem...

Nada muda!

Soneto Final

O fim do que é o ser material
É só o começo desta melodia
Tão claro quanto a noite segue o dia
Não expressa ainda o acorde final

Mas como o belo coro de natal
Que o som está além do corista
O ser não é mais a casca vazia
E sim a essência de algo imortal

Agora feito um pensamento
Sem o peso que lhe acorrentava
O novo ser segue com o vento

Soando como o som de uma harpa
A alma humana é só sentimento
Saída assim de sua podre casca

Furta-cor

Globos em órbitas ocas
Que dizem tudo e nada dizem
Como insana poesia louca
De um poeta que se deprime

São olhos que transmitem ódio
Amor, loucura e melancolia
Como uma tela de um pintor psicótico
Expressa uma estranha agonia

Dois buracos esquisitos
Que parecem sugar tudo
Tão vivos, misteriosos e confusos
Engolem o mundo como dois redemoinhos

Pupilas que se dilatam e se comprimem
Nos mostram as mentiras que todos dizem
Ou o mal venenoso que se consome
Que o vermelho doente não lhe esconde

A morte dança sob as pálpebras
À noite quando o sono nos envolve
A vida pelas pupilas escapa
Dando voltas por onde bem escolhe

Nossos olhos são assim:
De muitas cores e formas
Buracos escuros sem fim
Que a nossa visão deforma

Eu, Computador

Estou fora de mim
Mas estou lúcido, não louco
Estou como muitos outros
Conectado a cabos sem fim

Paciente, estou aqui
A máquina e eu somos um
Mas não estou no C.T.I.
Estou sim na C.P.U.

Ao meu redor periféricos
A visão periférica percebe
À minha frente um mundo
Que a periferia desconhece

Aqui onde o espaço é uma tecla
O tempo é bastante obscuro
Veloz é a pintura em tela
Mas horas se passam em segundos

Aqui posso ser qualquer um
E eventualmente sou muitos
Aqui navegando sem barco
Viajo através do mundo

Aqui virtualmente digo adeus
A uma realidade de dor
Pois anestesiado não sou mais eu
Sou agora eu, computador

In the Dark

Nas nuvens dos meus pensamentos
Onde as idéias voam como o vento
No turbilhão da minha agitada calma
Habita comigo agora uma outra alma

Alma esta, bela e envolvente
Que me faz esquecer do tempo
Em nossos beijos ardentes
Traz-me o delicioso alento

O sonho mescla-se à realidade
Em nossos corpos entrelaçados
Distantes, marca-nos a saudade
O pensamento nos une mesmo separados

A suavidade do toque
Conecta-nos em nossa afinidade
Mergulho em nosso universo rock
Vibrando com ruído à intensidade

Rose, a destemida

De longe ela vem rumo ao seu destino
Atravessando um longo deserto num rápido desatino
Incerta sobre tudo, mas guiada pela intuição
Segue um pólo magnético que se chama coração

Com a coragem e a vontade sempre como companhia
Chega ao lugar sonhado, mas a visão é desoladora
Onde antes um verdejante oásis existia
Encontra apenas sombras, apenas ruínas ocas

Mas a minha heroína não se mostra descontente
Escava o passado pra achar o seu presente
E lá, envolto num perfume de rosas pungente
Descobre novamente o amor que torna tudo florescente

Estão agora corpo e alma novamente reunidos
Bebendo-se a água da vida curaram-se os ferimentos
Planejando a próxima etapa, seguem seu novo destino
Rumam para o longínquo futuro seguindo os fortes ventos

Sobre o dorso da Serpente de Pedra

Escadas, escadarias, degraus
Tabuas e pedras erguidas em espiral
Milhares de caminhos e portas conectadas
Do antigo ao novo, no prédio ergue-se a estrada
Aonde levarão tais múltiplos caminhos?
À porta do rico salão ou à beira do precipício?
Há portas que abrem para dentro e outras para o vazio
Realidades alternadas em espaços seletivos
Subindo, descendo e zigue-zagueando
A pedra segue seu curso em um pedregoso rio
Subindo, descendo e zigue-zagueando
A pedra segue em frente, a pedra segue marchando
Levando o transeunte por caminhos estranhos
Por dentro das entranhas daquilo que é urbano
No labirinto do pensar do construto humano
Onde o espaço e o tempo são incertos e insanos

Guardiões dos meus sonhos

Num lugar desconhecido
Mas muito familiar
Onde o verde e o cinza coexistem
Esse é o meu doce lar

Em batalhas sou invencível lá
Um nome por mil vezes escrito
Pois nas terras onde tudo é possível
Eu posso até mesmo voar

Um longo mergulho na escuridão
E ao cruel pesadelo estou de volta
Trabalho, vícios, doenças, solidão...
Mãos que levam um ente querido embora

Assombrado por sonhos maus
Eu clamo por seres estranhos
Protejam-me de modo leal
Ó guardiões dos meus sonhos

Protejam-me do perigo real
Do mundo do após o sono
Minha vida está em suas mãos
Ó guardiões dos meus sonhos

Nenhum mapa ou caminho
Nenhum navio no mar
Levam-me de volta àquelas terras
Naquele esquecido lugar

Com as minhas lembranças fugindo
Com o álcool a evaporar
Estou caído sob um teto a girar
Quando a noite vai surgindo

Caminhando no meio do lixo
Vejo flores num bosque tranqüilo
Atravessando lugares estreitos
Vejo sombras de um vale perfeito
Para além de grades e portões
É onde encontro por fim meus guardiões

Rose Sempre

Os segundos marcam meus pensamentos
Os minutos, gostosos momentos
As horas são espaços no tempo
Voltados todos pra ela

Um dia é meu tempo de espera
E uma semana é pouco pra vê-la
Um mês todo gostaria de tê-la
Em meus braços, essa doce donzela

Um ano, um biênio, uma década
Vinte anos, um milênio, uma era
Já não importa, o tempo é inexistente
Pois ela em mim está sempre presente

... e o Silêncio reina!

No reino da solidão reina o Silêncio
Entre as terras da desesperança e do desespero
Perto do abismo da loucura e do mar do medo
Trancado na fortaleza do pensamento

No reino da solidão reina o Silêncio
Um tirano sem compaixão nem sentimento
Um carrasco segura as correntes do segredo
Nas masmorras que ocultam sombrios pesadelos

“O silêncio vale ouro!”
É o que dizem todos os tolos
Pois geralmente é mortal e ensurdecedor
Um frio e sádico mestre da dor

Dor inexpressiva, inexprimível e inesperada
A enfermeira diz: “Shhh!”
E o silêncio no ar paira
A bibliotecária diz: “Silêncio!”
Como se anunciasse a sua visita
E quando seus pais dizem: “Cale-se!”
Ele ergue o cálice e aos dois brinda

Um minuto de silêncio
É uma insolência desmedida
Não se deveria dar nem um segundo
Pois sua presença é mais que maldita

Será a arma que mata o homem
Uma homenagem ao falecido?
Isso é algo inconcebível
Até para o verme que o consome!

Então cortem-lhe a cabeça
Com a espada da comunicação
Por todos os seus crimes essa é a sentença:
A morte final por decapitação

Que o Silêncio reine no inferno!!!

Silent Reign

In a fallen kingdom the Silence reigns
Between lands marked with a despair sign
Beyond the sea of fear it lives
Locked inside the fortress of mind

In a desolate kingdom the Silence remains
A tyrant with no mercy in everywhere
The master of pain keeps secret chains
And its dungeon hides dark nightmares

It looks like gold
But it's cold

And the Silence rules
With a iron rod
It smashes all
And the others fall
And the Silence reigns
With a shinning crown
Stay in your own way
Or have a silent fall

How long you can stay in silence?
Could you hear you heart beats
And the voices in your mind?
Break its domain with violence
Show to this bastard your rage and might

Boa Noite ao Mundo Inverossímil!

Uma névoa, uma neblina, um nevoeiro
Um entorpecimento corriqueiro
Uma escuridão, um enlevo
Vozes fracas, vozes distantes
Imagens pálidas, odor enebriante
Um vôo, uma queda, um sumiço
"Onde está meu corpo? Estou perdido?"
Um pensamento num mundo não sinalizado
E o mundo surge do vazio abstrato
Prédios, carros e movimento
Lugares conhecidos fundidos ao sabor do vento
Amor, medo, solidão, emoção
Uma realidade temporária, uma vaga situação
Situação inesperada, impossível, improvável
Ferro derretido, pensamento plástico
Um deus num mundo só seu
Mas preso qual Prometeu
É ave comendo o próprio fígado
E outra cena surge num giro
Uma viagem sem rumo e direção
Um som perdido na escuridão
Que cresce, envolve e vira furacão
Gritos estridentes, luzes piscantes
Um sobressalto e lá se vai o inimigo
"Maldito despertador! Maldito!!!"
Um alarme acorda-o para o compromisso

Márcio Beckman de Souza



Meio fechadão, meio maluquinho. Filósofo do cotidiano. Mergulhador do inconsciente. Guerreiro medieval do século XXI. Poeta das horas vagas.

Nasceu e viveu a infância em Bacabal – MA. Passou pelas crises da adolescência em São Luís – MA. Migrou para Pouso Alegre – MG no início da idade adulta, lá permanecendo até o presente ano (2009).

marciobass@gmail.com

“Leiam e pensem a coisa toda de uma forma não óbvia! Não se atenham ao sentido literal das palavras! Quando escrevo eu gosto de brincar com as palavras, com as letras, dar outros sentidos, às vezes usá-las de modo concreto como se fossem pedaços de sentido, coisas assim...”

Márcio B. S.